

O MOVIMENTO DE IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES CRISTÃS DE MOÇOS NO BRASIL (1891-1929)

The movement of implantation and consolidation of Young Men's Christian Associations in Brazil (1891-1929)

Anderson da Cunha Baía¹

Andrea Moreno²

RESUMO

Este estudo aborda o movimento de implantação e consolidação das Associações Cristãs de Moços (ACMs) no Brasil, no período de 1891 a 1929. Associação criada em 1844 na Inglaterra, inseriu-se no Brasil em 1893, na cidade do Rio de Janeiro, através do missionário norte-americano Myron A. Clark. O conjunto documental pesquisado possibilitou perceber que o movimento acmista no Brasil, nos primeiros dez anos, concentrou-se na implantação e consolidação da ACM do Rio de Janeiro. Porém, a partir de 1901, o quadro se altera. Cria-se a ACM de Porto Alegre (1901), a ACM de São Paulo (1903) e uma série de Associações provisórias, em um movimento de expansão pelo território nacional. Sem muito efeito, o esforço de expansão esbarrou na falta de estrutura financeira e na ausência de estrangeiros com experiência na condução da implantação das novas sedes acmistas, as quais não se concretizaram.

Palavras-chave: História. Implantação. Expansão. Associação Cristã de Moços.

ABSTRACT

This study addresses to the movement of implantation and consolidation held by the Young Men's Christian Associations (YMCAs) in Brazil from 1891 to 1929. This association was founded in England (1844) and in Rio de Janeiro, Brazil, in 1893 by the american missionary Myron A. Clark. Based on the documents compiled and used as research source, we figured out that during the first ten years, the acmist movement in Brazil was focused on implantation and consolidation of the YMCA in Rio de Janeiro. However, from 1901 on, the setting has changed. In 1901, the YMCA was founded in Porto Alegre and later on in São Paulo (1903). Besides, several provisional associations were founded throughout the country. Although not effective, the expansion initiative was blunted by financial issues and lack of foreigners with experience to lead the implementation of new acmist headquarter, which were not consolidated.

Keywords: History. Implantation. Expansion. Young Men's Christian Association.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de História da Educação Física no Curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: andersonbaia@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora de História da Educação no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: andreamoreno@ufmg.br

A Associação Cristã de Moços (ACM) surgiu na Inglaterra, em meados do século XIX, por iniciativa de George Williams³. Nascido em 1821, no sul do país, ele era mais um, dentre muitos jovens, que deixava seu pequeno povoado em busca de melhores condições de vida em Londres, no início da década de 1840. Trabalhava em uma loja de tecidos, a *Hitchcock and Rogers*, em jornadas de 12 a 14 horas diárias, junto de mais de uma centena de funcionários. Dedicou grande parte de sua vida ao trabalho acmista, falecendo em 1905 (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 2002).

Williams era membro da Igreja Presbiteriana. A formação religiosa marcaria, sobremaneira, sua atuação no trabalho comunitário. Ainda na década de 1840, incentivou reuniões regadas a orações e leituras de textos bíblicos, ficando inicialmente restritas ao seu ambiente de trabalho. A receptividade por parte dos funcionários e da direção da loja de tecidos estimulou a criação da primeira Associação Cristã de Moços, em 1844.

As primeiras sedes inglesas da ACM foram criadas, especialmente, para contribuir na formação de jovens que presenciavam a Inglaterra industrializada. As condições precárias e a jornada extenuante de trabalho, agravadas pelo inchaço das cidades, que não conseguiam absorver toda mão de obra disponível, contribuíram para a criação de um quadro de degradação social (HOBBSAWN, 1986) que culminou com a Revolução Industrial. Surgia, assim, uma ambiência propícia ao aparecimento de movimentos de união, de ajuda mútua. A ACM foi um desses movimentos, que esteve aberta a qualquer pessoa que se identificasse com a causa de George Williams.

A Associação rapidamente expandiu-se. Na Europa, formou um conjunto de sedes acmistadas, totalizando, em 1851, dezesseis sedes da Associação Cristã de Moços distribuídas na Inglaterra, Escócia e Holanda. Esse ano marca, ainda, a inserção do ideário acmista na América do Norte, com a criação das sedes de Montreal, no Canadá, e de Boston, nos Estados Unidos. Em 1855, onze anos após a criação da primeira sede em Londres, já existiam 397 ACMs, distribuídas em sete países (HENRIQUES, 2005; MANSKE, 2006). Esse movimento expansionista intensifica-se na América do Norte, chegando a ter, em fins do século XIX, 1.415 sedes acmistadas implantadas. Nos Estados Unidos, com a criação da Comissão Internacional das *Young Men's Christian Associations* (YMCAs), em 1879, com sede em Nova Iorque, a expansão da ACM rompe as fronteiras norte-americanas (MANSKE, 2006).

A implantação de uma Associação Cristã de Moços no Brasil foi parte desse investimento expansionista. Em 1887, foi encaminhado um pedido à *Young Men's Christian Association*, em Nova Iorque, de autoria desconhecida, solicitando uma visita de membros da instituição para pesquisar a viabilidade em implantar uma sede no país⁴. O missionário norte-americano Chamberlain, que estava atuando no Brasil, em fins do ano de 1880, ao realizar uma palestra em escolas, nos Estados Unidos, também indicava a fertilidade do Brasil para receber uma sede da instituição. A partir desses contatos, e

³ O termo "Associação Cristã de Moços" (ACM) apresenta variações segundo a língua oficial do país no qual se instala. Assim, em países de língua espanhola (ou Castelhana), a instituição recebe a denominação de *Asociación Cristiana de Jovenes* (ACJ), exceto México e Espanha, que mantiveram o termo *YMCA*. Em países de língua inglesa, ele é conhecido como *Young Men's Christian Association* (YMCA). Ao longo deste trabalho, utilizo *YMCA*, exclusivamente, para referir-me às instituições que se instalaram nos Estados Unidos.

⁴ Segui (1998) e Loureiro (2006).

talvez de outros, desembarca no Brasil, em 1891, na cidade de São Paulo, o missionário norte-americano Myron Augusto Clark.

Myron Clark nasceu e cresceu em uma família presbiteriana. Era um jovem de 25 anos, que atuava nas *YMCA*s e estava no último ano do “*College*”, nos Estados Unidos (QUESITOS E RESPOSTAS SOBRE O TRABALHO DA ACM NO BRASIL, [19--], [s.p.]⁵. Durante os dois primeiros anos no país, dedicou-se ao estudo da língua português e constituiu sua família, casando-se com a paulista Francisca Pereira de Moraes, com quem teve seis filhos. No Brasil, esse evangélico, professor e superintendente de escola dominical, presbítero da Igreja Presbiteriana e Secretário Geral da ACM do Rio de Janeiro, implantou as sedes do Rio de Janeiro (1893), Porto Alegre (1901) e São Paulo (1902)⁶. Outras sedes foram criadas, mas não se consolidaram, extinguindo-se com o tempo⁷.

Nesse estudo, temos como propósito compreender o movimento de implantação, as tentativas de multiplicação e o movimento de consolidação das Associações Cristãs de Moços brasileiras, no período de 1891-1929⁸. Instituição esta que, no conjunto de associações voluntárias que se fizeram presentes no final do século XIX e início do século XX no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, teve sua ação marcada pelo investimento na formação do acmista, especialmente por meio de seu projeto ancorado na formação intelectual, moral-religioso e físico do jovem brasileiro.

“Crescei e multiplicai”

No Brasil, Myron Clark atuou em um país sem tradição acmista, mas com histórico de criação/recriação/extinção de várias instituições de ajuda mútua, religiosas e laicas. Porém, a disputa da ACM por um lugar na formação do jovem brasileiro relacionava-se diretamente com a Igreja Católica, para a qual a permanência da instituição, marcada

⁵ Documento de autoria desconhecida, encontrado no Arquivo da Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços.

⁶ A estrutura das ACMs brasileiras se dividia, basicamente, em sócio ativo e sócio auxiliar. Os sócios ativos eram aqueles que mantinham vínculo religioso com alguma igreja evangélica, sendo os únicos que poderiam votar e serem votados nas decisões da instituição e compor o quadro de dirigentes. Os demais associados, denominados auxiliares, eram os vinculados à religião católica ou outra ordem religiosa ou pessoas sem nenhuma crença religiosa, que constituía a maioria dos associados. Aos sócios auxiliares caberia uma posição de recebimento de ações, caracterizando um ambiente de conversão, no qual os sócios ativos direcionavam as ações e o tipo de formação que os demais sócios ativos e sócios auxiliares deveriam receber. Cf: BAIA, 2012.

⁷ Sua missão não se restringia ao Brasil, ele também contribuiu na fundação das ACMs de Buenos Aires e de Coimbra assim como participou, ao lado de Portugal, da Primeira Guerra Mundial em território Francês. Clark morreu em 1920, já afastado do Brasil há cinco anos, devido à sua presença na guerra e ao seu trabalho em Portugal, na fundação da ACM de Coimbra.

⁸ Esse estudo inicia-se em 1891, ao tomar como referência o movimento de implantação da Associação Cristã de Moços no Brasil, especialmente a partir da chegada do norte-americano responsável por tal tarefa, Myron A. Clark, nesse ano. Por meio do trabalho desse missionário e do acolhimento do projeto acmista no Brasil, diversas ACMs foram criadas e efetivaram-se, porém novas sedes implantadas não se consolidaram, extinguindo-se com o tempo. O marco final desse estudo é 1929, data do relatório da VII Convenção das ACMs brasileiras. Na década de 1920, o movimento acmista no Brasil contava com quatro Associações implantadas, em fase de consolidação: Rio de Janeiro (1893), Porto Alegre (1901), São Paulo (1902) e Recife (1907). No relatório da VII Convenção não há mais sinal da presença da Associação Cristã de Moços de Recife e nem tentativas de criar outras sedes em diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, mesmo sendo impreciso o fim das atividades da sede pernambucana, sua extinção e a ausência de tentativa de criar novas sedes revelam um novo momento no projeto acmista brasileiro: fortalecia o investimento na consolidação das sedes existentes, abandonando, temporariamente, as iniciativas de implantação de novas sedes em outras regiões do Brasil. É esse novo momento que adotamos como marco final deste estudo.

pela estrutura com forte influência da religião protestante, constituía-se uma afronta à supremacia católica⁹. Havia, inclusive, um movimento mundial da Igreja Católica resistente à expansão da Associação Cristã de Moços, materializado na proibição, por parte do Papa Bento XV, do ingresso de católicos nas ACMs (MENDONÇA, 2008a).

No momento de inserção da Associação Cristã de Moços no Brasil, o protestantismo enfrentava forte resistência, principalmente do catolicismo, que, até a proclamação da República, era a religião oficial. O final do século XIX marca legalmente a liberdade religiosa no país, possibilitando um afrouxamento dos costumes que autorizava uma abertura para a veiculação de novas ideias, valores, hábitos, como também para o surgimento de novas instituições, como a Associação Cristã de Moços¹⁰.

Essa ideia da liberdade religiosa, aliada à abertura de uma pequena parcela da população carioca e paulistana à recepção de uma instituição semelhante à ACM, a partir de meados do século XIX, e a decisão da Comissão Norte-americana de expansão do movimento acmista para outros países contribuíram para que Myron Augusto Clark chegasse ao Brasil, em 1891, com a missão de implantar e multiplicar a Associação no país.

A tarefa do missionário norte-americano de fundar uma Associação Cristã de Moços no Brasil não era fácil, mesmo porque a liberdade religiosa ainda era tímida e recente, e deu-se em meio a um grupo bastante resistente ao protestantismo¹¹.

Em todos os tempos teve a igreja que reagir contra as heresias, mas vindo o protestantismo, que é o compêndio de todas, teve e tem o dever de gritar e prevenir a todos, que o protestantismo é um erro, condenando e proibindo a todos que o sigam, por ser mentira, por ser a contradição, a negação da verdade. (O APÓSTOLO, nº 17, nov. de 1899, p.01)¹².

Por causa da resistência ao protestantismo, era possível perceber os evangélicos dirigindo-se ao governo brasileiro no sentido de garantir a liberdade religiosa, que, na dinâmica social, ainda enfrentava uma série de resistências para se instituir de fato.

O nosso governo precisa ordenar que se torne efetiva a lei de liberdade religiosa nos seus mínimos detalhes [...]. No dia 2, quarta feira, o padre Rocha, missionário romano, pregava para as suas ovelhas quando, ouvindo o som de hinos que repercutiam na igreja evangélica, não podendo suportar tais melodias, tanto mais quanto elas eram dirigidas a Jesus, o padre Rocha interrompeu o sermão, e, depois de alguns minutos

⁹ A Reforma Protestante foi o movimento de rompimento com a unidade da doutrina católica, caracterizada como a Igreja Cristã Medieval Ocidental. Martinho Lutero, monge da Igreja Alemã, foi o precursor do movimento por meio de uma série de críticas contra a Igreja Católica. Seu objetivo não era promover uma reforma, mas colocar em evidência as irregularidades que a instituição cometia, tendo culminado na divisão da Igreja (SEGUI, 1998).

¹⁰ Não estou afirmando que a Proclamação da República tenha retirado o protestantismo da posição de marginalizado no Brasil, mas certamente abriu espaços para um maior alastramento dele na sociedade brasileira. Além do mais, não devemos perder de vista que a Proclamação da República representou um ideal de liberdade, de modernidade e de progresso (CARVALHO, 2008) que se alinhavam ao pensamento protestante trazido pela ACM, facilitando sua aceitação.

¹¹ Ao apontar para uma pequena parcela da sociedade brasileira que se inclinava à recepção de instituições como a ACM, estou referindo-me a alguns evangélicos, assim como aos indivíduos da sociedade carioca mais alinhados às tendências liberais de modernização, que viam, na ACM, mais uma instituição que poderia contribuir para o progresso do Brasil.

¹² Fonte com grafia atualizada.

de silêncio, disse: “Não prego no lugar onde há protestantes, e que ou acabem com aquilo imediatamente ou me retiro daqui para não mais voltar”. Terminou o sermão com modos que patentearam a sua indignação. Essas palavras, que causaram grande sensação a uns, e exaltação no ânimo dos mais fanáticos, foi bastante para que a multidão desenfreada se arremettesse contra a casa onde funcionava o culto evangélico. (O PURITANO, n° 211, 24 de set. de 1903, p. 01)¹³.

Se, por um lado, a tradição católica era um problema para o protestantismo, especialmente pela resistência à sua inserção, por outro, o Brasil era compreendido pela ACM como um país central para se investir na conversão do jovem rumo à formação religiosa, que, para os evangélicos, melhor o direcionaria na condução de sua vida, uma vez que os acmistas protestantes norte-americanos acreditavam ser, em parte, os responsáveis pela salvação do mundo, o que se dava através da extensão da sua cultura, inclusive por meio da religião, conforme a linha do Destino Manifesto (BERCOVITCH, 1988).

Assim, podemos pensar que a laicidade intensificou a disputa entre católicos e protestantes. A inserção protestante no país estava autorizada, e, portanto, no pensamento católico, seu alastramento precisava ser combatido pela igreja romana, sendo ela a principal instituição que perdia espaço pelo avanço do protestantismo.

Não obstante, as seitas do protestantismo americano empenham-se muito em “evangelizar” as nações católicas, especialmente as da América do Sul. Presenciamos, assim, um espetáculo curioso: essas seitas perderam no seu país maior número de sequazes do que o de todos os habitantes da América Latina, e, contudo, eles vem para cá para perverter os católicos. (O APÓSTOLO, n° 58, 01 de set. de 1900, p. 02)¹⁴.

Se os protestantes afirmavam que o catolicismo era a paganização do cristianismo (SEGUI, 1998) e que as formações moral e religiosa não deveriam ser consequência da doutrina católica; os católicos contra-atacavam, colocando-se contrários à formação evangélica, tendo-a não somente como simplória mas vazia e nua (O APÓSTOLO, n° 53, 28 de julho de 1900). Nessa linha de confronto, os católicos afirmavam que a expansão protestante, inclusive para o Brasil, era problemática, prejudicial, portanto deveria ser combatida.

A palavra “missionário” vem de mittere – enviar. Ora, quem os enviou? Jesus Cristo? Não. Os representantes de Jesus Cristo? Também não. Eles foram enviados por algumas solteironas fanáticas de New York, cujo único desejo é acabar com a religião católica no Brasil. (O APÓSTOLO, n° 59, 8 de set. de 1900, p. 01)¹⁵.

É nesse terreno inóspito que a Associação Cristã de Moços vai se inserir, e Myron Clark, como o enviado para a missão, teve o dever de articular as estratégias que possibilitassem a implantação e consolidação da instituição no Brasil. No entanto, parece

¹³ Fonte com grafia atualizada.

¹⁴ Fonte com grafia atualizada.

¹⁵ Fonte com grafia atualizada.

que as resistências à instituição não se apresentaram com tamanha intensidade, como no caso do protestantismo, em parte, porque a ACM frisava não ser igreja. Sua imagem estava vinculada a uma instituição ecumênica, agregadora de pessoas dos diferentes credos religiosos, manifestando-se, nos Estatutos, como uma instituição auxiliar ao trabalho das igrejas evangélicas¹⁶. O anúncio de ecumenismo pode ser pensado como uma estratégia facilitadora da inserção social da instituição.

Na construção do ecumenismo acmista, destaca-se John Raleigh Mott. Secretário-geral Internacional das Associações Cristãs de Moços (1915-1928) e presidente da Aliança Mundial das ACMs (1926-1937), John Mott esteve por diversas vezes nas sedes acmistas brasileiras, demonstrando um vínculo com Myron Clark e, conseqüentemente, com a missão da instituição no Brasil. Estudioso do ecumenismo e autor de livros acerca de missão e cooperação internacional, dentre eles: *Evangelization of the world in this generation* (1900), *Cooperation and the world mission* (1935) e *Adresses and papers of John R. Mott* (1946), John Mott foi tido como “uma das maiores expressões do movimento ecumênico” (MENDONÇA, 2008a, [s.p.]). Na sua atuação, centrava as ações na cristianização do mundo a partir de um movimento evangelizador, por meio de um labor comum de todas as igrejas, acima das barreiras confessionais (MENDONÇA, 2008a).

No projeto acmista brasileiro, o termo “ecumênico” apresentou dois diferentes significados, segundo determinadas ações da instituição. Ao se analisar os Estatutos das ACMs do Brasil assim como o modelo de Estatuto publicado e enviado pela ACM de Nova Iorque, em 1893, para a implantação da primeira ACM no país, percebe-se que, no que se refere à estrutura da instituição, o termo é compreendido como o conjunto de religiões evangélicas, a que intitulo de “ecumênico no sentido restrito”. Em contrapartida, na revista *Mocidade*, por vezes, ele encontra-se vinculado a propagandas em prol da aquisição de novos sócios. Nesse contexto, o termo representa a abertura da instituição para receber pessoas com diferentes experiências religiosas, incluindo católicos, pagãos e ateus, a que intitulamos “ecumênico no sentido amplo”.

Pode-se perceber que as alterações no sentido do termo “ecumenismo” assim como a desvinculação da ACM da figura de Igreja Protestante foram pontos estratégicos na inserção da instituição nos locais em que essa se instalou¹⁷. No entanto, se a Associação Cristã de Moços não era igreja, ela sempre se manteve muito próxima às instituições evangélicas.

Como um presbiteriano, Myron Clark não considerava as demais correntes religiosas protestantes como sendo inimigas, pelo contrário, ele almejava difundir o ideal acmista entre as dissidências evangélicas, contribuindo com o fortalecimento de sua missão no Brasil. É dessa forma que se pode observar, nos momentos iniciais da criação

¹⁶ Pode ser percebido no Modelo de Estatuto de uma Associação Cristã de Moços (1893); nos Estatutos da ACM do Rio de Janeiro (1898, 1901, 1907) e Porto Alegre (1901, 1904).

¹⁷ Em relação às resistências à ACM, cabe ressaltar que, quantitativamente, no Brasil, elas não eram muito significativas quando comparadas com as resistências às igrejas protestantes, possivelmente porque a ACM era considerada pelo catolicismo como uma ameaça menor. Ao pesquisar o jornal *O Apóstolo*, de vinculação católica, no período de 1898 e 1903, era praticamente inexistente os posicionamentos acerca das Associações Cristãs de Moços, diferentemente do que acontecia com os protestantes, os quais eram constantemente questionados em diversas matérias veiculadas nesse periódico.

das sedes das ACMs no Rio de Janeiro e em São Paulo, as primeiras reuniões acontecendo nos salões da Igreja Presbiteriana, da Igreja Evangélica Fluminense, da Igreja Metodista e da Igreja Batista, além da participação do missionário nas atividades regulares das igrejas presbiterianas (MOCIDADE, n° 257, 1915; n° 259, 1915; n° 343, 1920). O trânsito dele nesses espaços tornou-se fundamental para veicular os objetivos da instituição, ampliando os interlocutores que a divulgariam assim como possibilitando a adesão de novos sócios.

Reforçando as palavras do Sr. Clark, também falou o Rev. H. C. Tucker, atestando os bons adjutorios que, na América do Norte, recebeu de muitos moços pertencentes às associações congêneres e acrescentando que jámais ouviu a menor queixa por parte dos pastores, de que essas associações afastassem os moços de suas obrigações. (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1898, p. 11).

A circulação de Myron Clark ainda pode ser percebida quando a Sociedade União Evangélica (SUE) - instituição com fins semelhantes aos da ACM, em São Paulo - convida o acmista a apresentar, em uma de suas reuniões, os trabalhos que faziam parte do projeto acmista¹⁸. Com isso, o missionário expôs a estrutura da instituição, relatando a existência de classes de estudos bíblicos, reuniões religiosas e diferentes comissões. Mais do que contribuir com a reestruturação da SUE, que permaneceu ativa por pouco tempo, a presença de Clark junto a ela possibilitou a divulgação do movimento acmista, caracterizando-se como uma estratégia central nos momentos iniciais da instituição (MOCIDADE, n° 257, jul de 1915, p. 01)¹⁹.

Myron Clark fixou residência inicialmente em São Paulo, e, possivelmente, sua ligação com Chamberlain tenha contribuído para tal escolha. Tratava-se de um período de adaptação ao Brasil, momento em que estaria estudando a língua nacional e lançando as sementes iniciais do projeto acmista. A cidade de São Paulo, naquele momento, era considerada a “capital do protestantismo” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 08), o que facilitava a manutenção da instituição tanto no aspecto econômico como no gerencial. Havia, na cidade, uma base de apoio, pois, além da presença do Dr. Chamberlain, encontravam-se nela as escolas Americana e Mackenzie, que eram administradas por pessoas que se dedicavam à missão protestante no país (MESQUIDA, 1994). Apesar do apoio evangélico encontrado em São Paulo e dos dois anos de sua residência nessa capital, Clark julgou que a cidade não era a mais adequada para receber, naquele momento, uma sede acmista (SEGUI, 1998).

[...] resolveu, porem, Clark fixar-se no Rio, o que demonstra o seu descortino, pois fortes influencias trabalhavam por prendel-o em S. Paulo. O perigo da residencia de estrangeiros, onde a febre amarella era endemica, não obstou a que Myron Clark resolvesse ocupar a capital da republica. (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 08).

¹⁸ Consta que o objetivo da SUE era “despertar nos moços em geral a atenção e vivo interesse pelas causas santas, e também estreitar mais os laços de união entre a mocidade crente” (MOCIDADE, n° 257, jul. de 1915, p. 01).

¹⁹ O período de permanência da SUE foi de pouco mais de 3 anos, de 1891 a 1894. Cf. MOCIDADE, n° 257, jul. de 1915, p. 01.

Em São Paulo, existia uma luta intensa com relação à maçonaria tanto por parte dos católicos, como por parte de um grupo de protestantes, o que dificultava a adesão das pessoas ao projeto acmista (QUESITOS E RESPOSTAS SOBRE O TRABALHO DA ACM NO BRASIL, [19--], [s.p.]). Isso, aliado ao receio dos missionários protestantes de que a implantação da ACM tornasse ainda mais rarefeito o pouco dinheiro que as igrejas protestantes conseguiam e somado ao perigo das doenças que proliferavam em São Paulo, foi decisivo para repensar a cidade que deveria receber a instituição (SEGUI, 1998)²⁰.

Em contrapartida, o Rio de Janeiro possuía um transporte escasso e condições precárias de comunicação. No entanto, tratava-se de uma cidade mais cosmopolita e comercial que São Paulo (SEGUI, 1998)²¹. Deve-se considerar que a trajetória acmista está marcada pela sua atuação, principalmente, junto à formação de jovens trabalhadores de fábricas e comércios, ou seja, público que também poderia ser encontrado no Rio de Janeiro.

Alterada a rota de implantação da sede da Associação para o Rio de Janeiro, não tardou para que Myron Clark iniciasse as reuniões com os indivíduos da sociedade carioca que se demonstrassem interessados no projeto acmista. Assim, o projeto de uma ACM teve, no Rio de Janeiro, mais acolhimento do que em São Paulo. Pessoas ligadas às fábricas e aos comércios, pastores de diferentes congregações evangélicas e membros da sociedade carioca abraçaram o projeto e engajaram-se na materialização da implantação da instituição: “As relações iam-se estendendo. Nas igrejas evangélicas ela se popularizava; no comércio se tornava mais conhecida e os métodos de trabalho, as reuniões sociais, as conferências trouxeram-lhe o alargamento de suas fronteiras” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 14).

Em meio à receptividade carioca, a Associação Cristã de Moços foi instalada no dia 4 de julho de 1893. Trata-se de uma data emblemática que marca a independência dos Estados Unidos da América, berço irradiador da missão acmista para o Brasil, símbolo do progresso e da liberdade. O Brasil representava o início da era missionária norteamericana de expansão do projeto acmista, sendo precedido somente por investimentos no Japão e na Índia (MOCIDADE, n° 317, jul. de 1920, p. 07).

No início, as reuniões da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro aconteciam na rua 7 de setembro, em uma sede improvisada. Em 1896, José Luiz Fernandes Braga, evangélico, dono de indústria, comprou uma casa para sediar a nova Associação, “hipotecando-a com pagamentos parcelados, por cinco anos, em juros módicos” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922). José Luiz F. Braga, que estava entre os integrantes que fundaram a ACM do Rio de Janeiro, permanecendo como sócio ao longo de toda a sua vida, contribuiu frequentemente para a instituição por meio de doações. O gesto de disponibilizar à instituição um imóvel demonstra a sua confiança e empenho na

²⁰ Embates entre integrantes da religião protestante acerca da Maçonaria desencadearam a Subdivisão da Igreja Presbiteriana em Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente (SEGUI, 1998). Ainda é importante ressaltar que havia uma resistência dos católicos em relação às maçonarias, sendo possível encontrar uma série de reportagens de confronto aos membros das Lojas Maçônicas no jornal *O Apóstolo*, entre os anos de 1898 a 1903.

²¹ Ao observar o quadro de fundadores da ACM do Rio de Janeiro, constatei que, de 15, 8 eram vinculados ao comércio e à indústria, sendo os demais missionários estrangeiros e evangélicos brasileiros (MOCIDADE, n° 256, jun. de 1915, p. 06). Para reforçar a ligação da ACM com os trabalhadores do comércio e da indústria, em 1912, 67% dos sócios da ACM carioca estavam empregados em uma dessas duas ocupações (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1912a, p. 25).

concretização do projeto que a Associação apresentava à sociedade carioca, assim como a sua vinculação com a religião protestante e com o setor produtivo reforça o vínculo da instituição com a formação de jovens trabalhadores²².

A missão de Myron Clark, observada na implantação da sede no Rio de Janeiro, fazia ressoar, em São Paulo, a esperança de que, um dia, a cidade pudesse receber uma sede da instituição. Se o projeto de implantar uma ACM em São Paulo foi abandonado em 1893, o desejo da cidade de ter uma sede permaneceu latente, culminando na organização da primeira sede paulistana em 1895, a qual, apresentando uma organização deficiente e sem o apoio de voluntários norte-americanos com experiência no projeto acmista, extinguiu-se em 1897 (MOCIDADE, nº 343, set. de 1922).

Com a mudança do ex-tesoureiro da ACM carioca, Domingos de Oliveira, para São Paulo, intensificou-se o movimento em prol da implantação de uma sede nessa cidade. Sua passagem pela ACM do Rio de Janeiro facilitou o contato com a direção da instituição, efetivando uma visita, a São Paulo, do presidente da ACM do Rio de Janeiro, Fernandes Braga Júnior, o qual avaliou as condições da cidade. Assim, pouco tempo depois, Myron Clark iniciou a fase de preparação para a implantação de uma ACM na capital paulistana, que contou, dentre outras ações, com reuniões preliminares, conferências públicas e distribuição de listas, com o intuito de observar a quantidade de pessoas que se envolveriam no movimento (MOCIDADE, nº 257, jul. de 1915, p. 01).

No processo de implantação de qualquer ACM no Brasil, conforme já abordado anteriormente, era necessário convencer as pessoas sobre o mérito do projeto acmista. Myron Clark, no salão da igreja Metodista, em São Paulo, exibiu “diversos quadros dos perigos da mocidade e da real utilidade das ACMs [...]” (MOCIDADE, nº 257, jul. de 1915, p. 01). Ao contrário das instituições que se fizeram presentes no Brasil com fins semelhantes aos da ACM, as quais nasceram e rapidamente se desfizeram, a ACM não iniciava seu processo de implantação por meio de arrecadação de recursos, mas, sim, através de um trabalho de convencimento sobre a importância da Associação na resolução dos problemas dos jovens. E, posteriormente, investia-se nos recursos necessários para alugar ou comprar um local próprio, já sustentado pelas mensalidades e doações que a instituição recebia. Parece que se tratava de um cuidado para evitar alguns erros do passado, os quais contribuíram para o fracasso das associações anteriores às ACMs²³.

O movimento de expansão das ACMs no Brasil não se resume ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Porto Alegre também fez parte do movimento. Indícios para a compreensão dessa expansão podem ser percebidos no documento, produzido por Myron Clark, intitulado *Em prol da Mocidade: instruções sobre os trabalhos das Associações Cristãs de*

²² É perceptível a proximidade da ACM com o campo do trabalho – fábricas, indústrias e comércios – desde sua origem na Inglaterra (ASSOCIAÇÃO CRISTA DE MOÇOS, 2002). No Brasil, pode-se perceber que essa aproximação permitiu uma confluência de interesses entre os patrões e as ACMs, ou seja, os donos de comércios, indústrias e fábricas contribuíam na manutenção e consolidação da Associação através de mensalidades e outras doações, em contrapartida, a ACM possibilitava a formação dos funcionários, compensando o desgaste das horas trabalhadas e contribuindo, no âmbito religioso do protestantismo, com o enquadramento deles no caminho que os aproximaria das suas vocações.

²³ As fontes não esclarecem os temas específicos que eram tratados nas palestras preparatórias de Myron Clark. No entanto, esse investimento se constituía na explanação acerca dos objetivos e métodos da instituição, assim como a exposição dos “perigos da mocidade” (MOCIDADE, nº 257, jul. de 1915, p. 02).

Moços (CLARK, 1903), o qual apresenta um conjunto de informações necessárias para aqueles interessados em fundar novas sedes da Associação. Como argumento principal, o missionário caracteriza as representações que as pessoas comuns, não vinculadas à ACM, possuíam acerca das funções da instituição: uma delas vincula a Associação a um clube social, aonde as pessoas vão para se entregar, nas horas vagas, às distrações lícitas; e a outra compreende-a como um grêmio de trabalhadores religiosos, os quais têm em vista o próprio desenvolvimento intelectual e a conversão dos seus semelhantes.

Para Clark, “as duas idéias são corretas” (CLARK, 1903, p. 68). No entanto, na visão do missionário, se a primeira função possibilita levantar um número maior de sócios, é a segunda que deve ser considerada a mais importante e fundamental para a consolidação da Associação. Há, no seu entendimento, uma menor inclinação das pessoas às questões da religião. Contudo, a formação religiosa e o investimento na conversão dos jovens são os eixos centrais da existência da instituição, uma vez que, para ele, se a ACM estiver prestando a servir, em primeira instância, como clube social, pouco se poderá esperar dela.

A partir dessa centralidade religiosa como eixo da criação de uma ACM, Myron Clark optava por não incentivar a criação de uma Associação se essa tivesse tendência a transformar-se apenas em um clube social:

Si o pastor, ou o official da igreja em autoridade, verificar que aos pretensos fundadores fallece completamente este segundo desejo, deve esforçar-se por desanimal-os do seu intento, porque sera melhor não organizar a Associação em taes condições. (CLARK, 1903, p. 69).

Um fator importante na implantação de uma sede era a experiência. Assim, tornava-se necessário, no momento de criação de uma ACM, entrar em contato com Myron Clark para que, a partir da sua experiência na implantação das Associações Cristãs de Moços brasileiras, se construísse uma Associação segundo os seus direcionamentos. Nos momentos iniciais, destinados a observar a receptividade do projeto e o entendimento dele, eram necessários aproximadamente quatro meses. Nesse momento, faziam-se reuniões bíblicas, sessões de orações, sessões de palestras e debates, caracterizando-se como formas de perceber o grau de interesse dos envolvidos na sua fundação. É possível pensar que esse roteiro, presente no documento produzido pelo missionário, expondo o movimento inicial de criação de uma ACM, representa a própria materialização das ações de Myron Clark como um guia, sendo uma forma, encontrada por ele, de difundir o trabalho que executava nos momentos de implantação das sedes no Brasil²⁴.

Apesar disso, não havia um planejamento fechado, instituído pela Comissão Norte-americana, sobre os locais que deveriam receber as sedes da Associação Cristã de Moços no Brasil. Era essencial respeitar a manifestação das cidades que estavam preparadas para receber o projeto acmista, tornando mais eficientes os investimentos nas localidades mais propícias à consolidação da Associação. Nesse sentido, a ACM de Porto Alegre pode ter tido sua origem nas manifestações locais, especialmente porque o

²⁴ Cf. CLARK, 1903.

sul do país foi uma região que recebeu missões protestantes, inclusive com a presença de Chamberlain – um dos responsáveis pela vinda de Myron Clark para o Brasil.

A partir disso, Myron Clark desembarca em Porto Alegre, em 1901, com a função de realizar as sessões preparatórias para implantar uma sede da ACM na cidade. Os momentos iniciais da sede gaúcha não foram tranquilos: “[...] durante 13 anos a Associação constituiu-se uma espécie de clube educativo, com um quadro social de 100 a 200 sócios. No fim desse período estava a ponto de desorganizar-se quando entrava em cena o Sr. Gallyon, o seu primeiro secretário internacional” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 19).

Apesar de a Associação, em Porto Alegre, ter permanecido mais de uma década de forma precária, a falta de um quadro de missionários estrangeiros com experiência no trabalho acmista não foi suficiente para extinguir a Associação gaúcha. Por outro lado, a caracterização da instituição como sendo um clube educativo indica-nos que ela descumpria a função primeira definida por Clark. Tornava-se, assim, necessário, com a chegada de um secretário internacional, investir no fortalecimento do campo religioso e da sua extensão à conversão, e, para o missionário, o novo secretário estava habilitado a tal tarefa. A presença de um secretário internacional gerou um novo ânimo à instituição e “no primeiro ano [...] atingiu o quadro a 300 sócios. Nos trabalhos sociais a Associação saltou para a primeira linha. Os salões ficaram pequenos e, nas reuniões sociais, o prédio era insuficiente” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 19), além de ter ocorrido uma reestruturação dos trabalhos religiosos, os quais, no período, tiveram também um aumento considerável. Essa fase da ACM de Porto Alegre foi publicada na revista *Mocidade* como sendo “um novo surto” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 19).

O movimento acmista iniciado no Rio de Janeiro, em 1893, havia-se expandido. O país contava, no início do século XX, com três Associações Cristãs de Moços organizadas e em fase de consolidação, sendo elas: Rio de Janeiro (1893), Porto Alegre (1901), São Paulo (1902)²⁵. Com as sedes organizadas, houve a necessidade de se criar um espaço que permitisse o contato entre as diferentes ACMs do Brasil: uma estratégia interessante para permitir ajustes que auxiliassem na consolidação das instituições. Criou-se, para esse fim, em 1903, a Convenção Nacional das ACMs²⁶.

A Convenção cumpria um papel importante na difusão das experiências entre as Associações existentes, mas, por ser tris anual, não possibilitava um auxílio constante aos problemas vividos pelas ACMs brasileiras. Dessa forma, no decorrer da primeira Convenção Nacional, criou-se a Aliança Nacional das Associações Cristãs de Moços no Brasil, que funcionava como uma instância de apoio para as ACMs brasileiras, sendo composta por sedes acmistadas do país, mas com ligação com as Alianças Nacionais de

²⁵ As fontes encontradas sobre a Associação Cristã de Moços, especificamente os exemplares n° 257 e 343 da revista *Mocidade*, periódico oficial da instituição, datam a criação da ACM de São Paulo no ano de 1902, já que os preparativos iniciaram em dezembro do ano corrente. No entanto, somente em janeiro de 1903, iniciaram-se as atividades.

²⁶ Na inauguração, estiveram presentes representantes da ACM mundial e da norte-americana, ministrando palestras com temas referentes à formação moral e aos “fundamentos da religião cristã” (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 10), colocando, em evidência, a preocupação da instituição com o fortalecimento desses dois eixos no Brasil.

sedes acmistas do exterior, especialmente dos Estados Unidos²⁷.

Uma das ações iniciais da Aliança Nacional foi a estimulação da criação de sedes em outras regiões do Brasil, como a ACM de Recife. A revista *Mocidade* apresenta que a implantação dessa sede não se deu por uma solicitação local, como sugeria Myron Clark (CLARK, 1903), mas por “obediência a uma das resoluções da Comissão Nacional” (MOCIDADE, nº 259, set. de 1915, p. 01). Contudo, na primeira ata da Comissão Nacional das ACMs (Ata nº 01), datada de 1903, percebe-se a existência de um desejo do missionário em visitar a capital pernambucana. Provavelmente, a presença de Myron Clark, representante maior da ACM no Brasil e também membro da Aliança Nacional, tenha contribuído com a resolução que instituía Recife como um local a ser pensado para receber uma sede da Associação.

Diferente do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Porto Alegre, a instituição pernambucana iniciou suas atividades sendo administrada por um “grupo aspirante”. Não foram designadas pessoas estrangeiras, conhecedoras do projeto acmista norte-americano, para gerir a Associação durante o momento de sua implantação e consolidação. Nos momentos iniciais, a situação financeira da ACM de Recife era precária, não sendo diferente das demais sedes já fundadas. As reuniões aconteciam em salões improvisados nas igrejas evangélicas e em Lojas Maçônicas. O problema financeiro e a ausência de um secretário geral, com formação específica para administrar uma ACM, e de outros apoiadores contribuíram para que, em 1904, começasse “o grupo aspirante a passar por suas dificuldades” (MOCIDADE, nº 259, set. de 1915, p. 01).

A segunda Convenção Nacional, que aconteceu em 1906, foi o lugar estratégico para expor os problemas da sede pernambucana. Como resultado, Recife conseguiu, por meio da Comissão das ACMs dos Estados Unidos, o envio de um secretário geral, John Warner, com experiência na área, com a função de organizar os trabalhos nessa instituição, visando a sua consolidação²⁸:

Este prezado amigo aqui chegando tornou em realidade o que aspirava-nos havia 3 annos: no dia 26 de dezembro de 1907 realizavamos a nossa sessão de instalação da A.C.M. do Recife no vasto salão da Loja Maçônica Conciliação, e o ‘Grupo Aspirante’ findava a sua missão gloriosa. (MOCIDADE, nº 259, set. de 1915, p.02).

A ACM de Recife demorou mais de quatro anos para ter sua sede instalada. Nessa Associação, o grupo aspirante, o qual iniciou os trabalhos, dedicou-se à tentativa de criar as condições favoráveis para a consolidação da instituição. Essa ACM, mesmo com a organização provisória, atuou junto ao movimento acmista de expansão de sedes, lançando mão de voluntários locais envolvidos na causa para iniciar os trabalhos de implantação. A organização provisória foi responsável por potencializar o trabalho da ACM não só em Recife, mas em diferentes regiões do Brasil:

²⁷ No processo de mediação, a Aliança Nacional encaminhava correspondências, relatórios, informações do movimento mundial, permuta de visitas de delegados entre as associações, entre outras investidas que facilitaríamos a resolução de problemas nas diferentes sedes. Cf. ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. Estatuto da Aliança Nacional das ACMs, 1903.

²⁸ Em 1906, foi enviado o missionário Harry O. Hill. John Warner já estava no Brasil, atuando na ACM paulista. Contudo, com a vinda de Hill, Warner foi remanejado para implantar a ACM pernambucana.

No fim da primeira década da A.C.M. no Rio de Janeiro existiam associações completamente organizadas em Porto Alegre e S. Paulo, associações acadêmicas no Mackenzie College de S. Paulo, e no Ginásio Granbery, além de oito associações mais ou menos provisórias ou grupos de aspirantes. (MOCIDADE, n° 317, jul. de 1920, p. 8-9)²⁹.

Em 1907, o movimento acmista contava com quatro ACMs plenamente organizadas (Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e Recife), oito em processo de organização (grupos aspirantes) e duas Associações Acadêmicas (Mackenzie College e Ginásio Granbery)³⁰. Esses números indicam um movimento expansionista no início do século XX, momento em que as Associações Cristãs de Moços do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre estavam plenamente instaladas e em processo de consolidação, contribuindo para a disseminação de um projeto acmista que começava a ser almejado por outras regiões do Brasil. Criou-se, assim, uma expectativa de mão dupla: o movimento acmista vislumbrava sua expansão, enquanto parte da sociedade brasileira, ainda que pequena, recebia a ACM como uma instituição importante na formação dos jovens.

Todavia, esse investimento em direção à expansão da ACM passou por dificuldades ainda na primeira década do século XX. Nesse contexto, toma centralidade a primeira Convenção Nacional, quando se verificou que o problema mais urgente, no que dizia respeito à consolidação das sedes, era a falta de secretários com experiência no projeto acmista (MOCIDADE, n° 317, jul. de 1920, p. 09). Constatada a falta de investimentos dos Estados Unidos na ampliação do quadro de secretário geral para o Brasil – ponto crucial para a expansão das ACMs no país, na visão do seu corpo administrativo –, foi providenciado, a partir da matriz acmista norte-americana, o envio dos secretários J. H. Warner e Harry O. Hill. Entretanto, tal número foi insuficiente, pois, além de promover a consolidação das instituições organizadas, eles teriam que dar suporte às sedes que se encontravam em processo de implantação. Havia, nesse sentido, uma demanda de expansão que necessitava mais do que o quantitativo fornecido pela comissão norte-americana (MOCIDADE, n° 259, set. de 1915; n° 343, set. de 1922).

A segunda Convenção Nacional, além de direcionar um secretário geral para fundar a ACM de Recife, deliberou que, a partir daquele momento, não seria mais permitida a criação de novas sedes sem que fosse possível empregar secretários remunerados, o que caracterizou “a morte de todas as organizações provisórias” (MOCIDADE, n° 317, jul. de 1920, p. 09).

O surgimento da Aliança Nacional e das Convenções Nacionais como instâncias de apoio às sedes possibilitou as trocas de experiências dos trabalhos que contribuíam com a consolidação das instituições, assim como foi possível pensar na ampliação do

²⁹ Das 8 associações provisórias ou grupo aspirante, só conseguimos perceber a ACM de Recife e do “Maranhão” (ACM, n° 191, nov. de 1905, p. 07), esta última não tinha indicação da cidade que receberia a sede.

³⁰ A Associação de Estudantes possuía uma função semelhante às das demais ACMs, no entanto se dedicava aos estudantes em particular, almejando: “[...] promover o crescimento espiritual e a fraternidade cristã entre os seus membros, e a conversão ao Evangelho dos demais estudantes do colégio; instigar e educar os seus sócios para o serviço de Cristo, quer na vocação do ministério, quer na carreira do comércio, quer nas letras”. Cf. ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. *Modelo de Estatutos de uma Associação Cristã de Estudantes*. Rio de Janeiro, p. 01, 1901.

movimento acmista para outras regiões do Brasil, ainda que, provavelmente, não tenha atingido as expectativas quantitativas do movimento expansionista de Myron Clark, ficando restritas aos Estados de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro até meados do século XX.

Da expansão à consolidação

As medidas tomadas na segunda Convenção Nacional priorizavam a consolidação das três Associações já organizadas (Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo) e previam a implantação permanente da ACM de Recife. Não havia um investimento consistente na preparação específica de secretários para atuar na administração das sedes acmistadas, no Brasil. Como indício dessa defasagem, a ACM de Porto Alegre só recebeu um Secretário Geral internacional em 1913, sendo considerada, nesse período, como uma instituição que não cumpria os objetivos mais esperados para uma sede acmista (MOCIDADE, nº 343, set. de 1922).

Consolidadas, as sedes seriam entregues à administração dos próprios sócios brasileiros que possuíssem certa experiência na condução da instituição, conforme previsto na resolução da Comissão Internacional dos Estados Unidos de 1889. Na segunda Convenção Nacional, ficou definido que somente nesse momento, quando não se precisaria mais do apoio externo, o movimento de expansão seria retomado.

Depois que eu tiver aprendido a língua portuguesa, espero reunir em volta de mim alguns moços, interessal-os pelo estudo da Bíblia, começar uma reunião de oração [...], e depois de algum tempo e por meio de um crescimento gradual, organizar uma Associação Christã de Moços. Depois disso poder-se-há alugar as acomodações necessarias e estabelecer culto evangelico. Por esse tempo algum moço estará habilitado para tomar a direcção do trabalho como secretário local, e eu ficarei livre para começar o mesmo processo em outra cidade. (CLARK, 1891, p. 03).

Assim, o projeto acmista alinha-se a mais um traço missionário, o do caráter passageiro dos norte-americanos, uma vez que, após contribuírem com o enraizamento de parte de sua cultura em um dado país, tendo sua missão cumprida, tornava-se necessário investir em outros países, que, como o Brasil, fossem vistos como um lugar de extensão das ações da instituição. Já indiquei anteriormente que, para sustentar o projeto acmista no Brasil, eram necessários investimentos financeiros, principalmente no momento da implantação. A falta de um espaço próprio, gerando gastos com aluguel, somada aos investimentos na construção de uma sede própria constituíam-se nos principais momentos críticos da instituição. Portanto, contribuições internacionais, donativos de brasileiros que possuíam vínculos com igrejas evangélicas e a ajuda das pessoas que estavam à frente de indústrias e comércios no país caracterizavam grande parte dos recursos arrecadados pelas Associações. A própria fundação da ACM do Rio de Janeiro indica a presença de pessoas ligadas às atividades de comércios e indústrias e à vertente evangélica:

L. C. Irvine (representante), Domingos A. da Silva Oliveira (Industrial), Antonio Meirelles (Comercio), Myron Clark (actualmente em Coimbra, delegado da Comissão Internacional das A.C.M), Dr. Nicolau S. do Couto (Clinico em São Paulo), James L. Lawson (Capitalista na Escossia), José L. Fernandes Braga (Industrial), Rev. A. C. Tucker (Ministro Evangelico), Rev. Leonidas da Silva (Idem), Rev. João M. G. dos Santos (Idem), José L. Fernandes Braga Junior (Industrial), Manoel Fernandes Braga (Comercio), Luiz Fernandes Braga (Industrial), Joel Antônio Menezes (Comercio), Emilio Perestrello da Camara (Comerciante), Henrique F. da Gama (Comercio). (MOCIDADE, nº 256, jun. de 1915, p. 06).

Mais do que participantes da fundação da ACM do Rio de Janeiro, tais pessoas eram mantenedoras da instituição, envolvendo-se ativamente no seu fortalecimento financeiro (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1912a). Outras pessoas e empresas, brasileiras e estrangeiras, também contribuíram com a missão, dentre elas: Luiz Carpenter, John Warner, H. J. Sims, Walter Bros. & Co, Rio de Janeiro City Improvements Co, British Fleet Entertainment Committee (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1912a). Se, mais de meio século depois de sua criação na Inglaterra, a instituição ampliou o seu campo de atuação, tanto de fontes de recursos, quanto de público atendido, boa parte ainda permanecia ligada ao ramo industrial e comercial.

Na ACM do Rio de Janeiro de 1912, os 1216 sócios dividiam-se em: 634 empregados no comércio, 153 profissionais letrados, 128 operários, 106 negociantes, 76 empregados públicos, 71 estudantes e 48 mecânicos, fato que comprova a vinculação da instituição com pessoas ligadas ao comércio e à indústria, sujeitos esses que compunham a maior parte do quadro de sócios da instituição (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1913). Parece que esse quadro não é casual. Tratava-se de possibilitar uma adaptação dos jovens aos interesses de um *ethos* protestante, no qual o trabalho apresenta centralidade. Adaptação essa que, para a Associação Cristã de Moços, era a de formar o caráter do jovem, alinhando-o aos princípios da escola de Cristo, constituindo-o, desta forma, em um bom funcionário (SOUZA, 1917, p.24)³¹. Assim, o jovem deveria ser: “amigo do trabalho”, ativo, paciente, perseverante, previdente, justiceiro, honesto, verdadeiro e escrupuloso, ou seja, deveria portar qualidades que formam e dão forma ao caráter (SOUZA, 1917, p. 24).

O projeto de formação da ACM para o jovem trabalhador remetia-se à circulação de valores, que, provavelmente, era vislumbrada por grande parte dos patrões, contribuindo, inclusive, com a aproximação de vários donos de comércios e indústrias com a Associação Cristã de Moços, podendo ser notadas diversas doações de diferentes empresas, como aconteceu na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre.

A ACM é bem cotada no meio social e embora este anno fosse de grande dificuldade financeira não sofremos muito, e bastou apenas trabalhar um pouco mais para

³¹ Francisco de Souza era Ministro do Evangelho e realizou quatro conferências na Associação Cristã de Moços, no Rio de Janeiro, no ano de 1916, que foram denominadas de “A regeneração nacional pelo indivíduo”. O convite para a palestra foi realizado pelo então diretor do Departamento Religioso Miranda Pinto, e a publicação em livro foi sugestão do acmista Domingos Antônio da Silva Oliveira, almejando contribuir na formação moral dos jovens. Cf: BAIA, 2012.

obtermos os resultados economicos dos annos anteriores. Muitas casas commerciaes que estão diminuindo as despesas correntes e cortando outras contribuições, não eliminaram a ACM da sua lista de donativos. Só o que precisamos para tomar Porto Alegre é um estado maior technico bem preparado e um edifício proprio. (MOCIDADE, nº 343, set. de 1922, p. 20).

Visando ainda suprir as necessidades financeiras da instituição, as Associações Cristãs de Moços recebiam mensalidades por atividades oferecidas aos sócios. Nos momentos de implantação, as mensalidades recebidas eram insuficientes para cobrir os gastos, principalmente, levando-se em consideração que um dos primeiros movimentos da instituição era em direção à aquisição de uma sede própria.

Na estrutura da ACM do Rio de Janeiro, em 1911, as fontes de recursos provinham, basicamente, das seguintes formas: trimestralidades (e “Jóias” de novos sócios), subscrições anuais, donativos, sócios mantenedores e matrículas nas atividades ofertadas. Esses eram pagamentos realizados por pessoas físicas ou jurídicas, que davam direito ao sócio de frequentar a instituição e de participar de parte das atividades oferecidas³². O montante desse recurso equivaleu, nesse ano, a 51% da receita anual da instituição. O restante da receita era oriundo das diversas ações desenvolvidas por ela, com destaque para o Departamento Intelectual, que significou 21% do montante arrecadado, demonstrando a centralidade dessa ação para a formação dos sócios, especificamente no curso comercial³³.

Um ponto estratégico para aumentar a receita da sede carioca foi a ampliação das atividades oferecidas nos seus primeiros oito anos. Verificou-se, nesse período, um aumento no número de comissões, o que consequentemente elevou as atividades pagas ofertadas, possibilitando uma maior arrecadação. O Departamento Físico³⁴, inexistente em 1903, contribuía, em 1911, com algo próximo de 6,5% da renda anual.

Somado às atividades oferecidas, a ACM do Rio de Janeiro, em 1911, recebeu recursos de diversas empresas estrangeiras, tais como: C. H. Walker & CO, London & Brazilian Bank, London & River Plate Bank, British Bank of South America, John Moore & CO, Rio de Janeiro T. Light & Power CO, Gourock Ropework Export CO, somente para citar algumas (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1912a). Os recursos estrangeiros totalizaram mais de 50% do total arrecadado pela instituição através da contribuição dos sócios, demonstrando a importância dos investimentos de outros países na manutenção da sede.

A sede de Porto Alegre não diferiu muito do quadro carioca. A receita da instituição, em 1915, mostra que por volta de 48% da receita anual eram oriundos do pagamento da

³² Nas Associações Cristãs de Moços, havia atividades que eram gratuitas, como oficinas de leitura, palestras, curso primário. No entanto, outras atividades eram ofertadas e poderiam ter a adesão dos sócios através de pagamento, como atividades sociais (boliche, sinuca, entre outras), atividades intelectuais (curso comercial, disciplinas isoladas de preparação para curso superior, entre outras) e atividades físicas (classes de ginásticas e outras práticas).

³³ O departamento Intelectual, também conhecido como comissão de instrução, dentre suas atribuições, era responsável pela organização, funcionamento e manutenção de um gabinete de leitura e pelas aulas noturnas. Ofertava curso primário, comercial, disciplinas isoladas, curso de línguas estrangeiras, entre outros. Cf: BAIA, 2012.

³⁴ Havia uma comissão do departamento físico que era responsável pela “educação física dos sócios, promovendo classes de ginástica, jogos atléticos e todos os esportes lícitos e convenientes”. Cf. ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DO RIO DE JANEIRO, 1914, p.13.

anuidade (MOCIDADE, n° 258, ago. de 1915, p. 02). Um diferenciador revelou-se nas atividades ofertadas pela instituição: dentre as ações que complementavam o montante acima, os cursos disponibilizados pelo Departamento Intelectual representaram menos de 11% da receita total, caracterizando o baixo acesso dos sócios aos cursos pagos, como o comercial³⁵.

Recife também recebeu recursos estrangeiros nos momentos iniciais, como os das empresas: Casa Clark, Mr. Hardwick, London and Brazilian Bank, London and River Plate Bank, Standard Oil, Wilson and Sons, Mr. G. R. Gibbs. A revista *Mocidade* traz nomes de diversas outras pessoas e empresas que ajudaram a instituição financeiramente, porém as citadas acima caracterizam aquelas que, mensalmente, se dedicaram a destinar um montante à ACM de Recife, sendo reconhecidas como “amigos” da instituição, uma vez que contribuíram, de forma mais sistemática, com a obra missionária (MOCIDADE, n° 258, set. de 1915, p. 04).

Cabe observar que a identificação de uma determinada empresa, a qual encaminhava recursos para diferentes sedes da ACM no Brasil, como, por exemplo, London and Brazilian Bank e London and River Plate Bank, revela que, mais do que uma contribuição com uma instituição específica, se tratava de um investimento na obra missionária desenvolvida no país, pela ACM. Afinal, como aponta Weber (1967), contribuir na missão de expansão de uma instituição alinhada ao protestantismo não caracterizava somente uma boa ação, mas uma obrigação devido à posição do indivíduo nesse mundo, alcançada graças aos direcionamentos de Deus.

Aliada às quantias recebidas pelos sócios e às atividades oferecidas regularmente pelas ACMs, outra importante estratégia de arrecadação foram as campanhas. Na ACM do Rio de Janeiro, em 1915, foi lançada uma campanha com o intuito de admitir novos sócios. Sua organização estava estruturada em forma de uma competição, na qual foram formadas equipes compostas por sócios que ingressaram no mesmo ano, na instituição, contemplando associados do período de 1893 a 1914. No processo de arrecadação, cada equipe que arrecadasse mil réis acumularia um ponto, e, como nas competições em geral, haveria ganhadores e perdedores³⁶ (MOCIDADE, n° 256, jun. de 1915, p. 06).

Para criar um clima favorável, incentivando o empenho dos sócios, foi enviado um ofício aos membros da ACM do Rio de Janeiro, mobilizando-os para aderirem à campanha:

Todos os homens válidos alistados nesta Associação [...] são chamados às armas para uma campanha que tem por fim a conquista de novos voluntários para a causa em que estamos empenhados: Guerra contra o Mal e a Ignorância, quer seja intelectual, física ou moral. (MOCIDADE, n° 256, jun. de 1915, p. 06).

³⁵ Havia cursos ofertados pela instituição, como o primário, que não eram cobrados. Cf. BAIA, 2012.

³⁶ Entre as equipes ganhadoras, haveria diferentes lugares, definindo, assim, as que conseguiram maior êxito na sua missão. Apesar da organização em grupos, a premiação iniciava-se pela participação individual, sendo que o sócio que conseguisse maior número de pontos seria premiado com uma medalha de ouro, seguido pelo segundo e terceiro lugares, que receberiam medalhas de prata e bronze respectivamente. A equipe que conseguisse acumular mais de cem pontos seria agraciada com um jantar festivo, e, para finalizar, a equipe que apresentasse o maior resultado teria seu retrato estampado num quadro de honra na instituição. Cf. MOCIDADE, n° 256, 1915, p. 06.

A construção de uma identidade coletiva é o cimento necessário para que as pessoas lutem em prol de um objetivo comum (CARVALHO, 2008). No caso da ACM, a representação do combate, caracterizada pela Primeira Guerra Mundial que estava em andamento, em 1915, foi o cimento utilizado, visando juntar forças contra outra batalha, a da defasagem intelectual, física e moral do povo brasileiro. O repertório militar foi uma forma encontrada, na campanha, de fortalecer os laços entre os sócios, criando um espírito de combate. Os grupos foram organizados num “batalhão”, independente do número de “efetivos” que fariam parte dele. Havia um “distintivo” que era colocado em cada um dos “praças”, segundo o ano de seu “alistamento”, para que cada “soldado” reconhecesse, com mais facilidade, os seus “camaradas” (MOCIDADE, nº 256, jun. de 1915).

Portadora de um espírito nacionalista, a guerra foi simbolicamente acionada, visando criar uma sensação de solidariedade, uma identidade coletiva, para que todos os indivíduos se lançassem na campanha contra os problemas que a Associação se propunha a combater. Escolheram-se os “válidos”, porque, para enfrentar uma guerra, somente os preparados deveriam ser recrutados para que se tornasse possível enfrentar, com força máxima, na visão da instituição, a degeneração da sociedade brasileira. O movimento expansionista da ACM fazia parte desse objetivo formativo da instituição, almejando o processo de regeneração do indivíduo, que, para a ACM, poderia ser, em parte, alcançado pelas suas contribuições (MOCIDADE, nº 256, jun. de 1915).

Assim, as campanhas, os investimentos estrangeiros e nacionais, as diferentes formas de arrecadação e as ações desenvolvidas pelas diferentes comissões, as quais faziam parte da organização das ACMs, foram imprescindíveis, mas não suficientes para garantir a consolidação das sedes. Os recursos humanos envolvidos na administração também se incluíam no conjunto de preocupações da Associação no caminho de sua implantação e consolidação, o que nos ajuda a perceber a presença do missionário norte-americano na preparação para a implantação das sedes do Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, ausentando-se apenas na sede de Recife, que ficou a cargo de outro secretário enviado dos Estados Unidos, o missionário John H. Warner³⁷.

No momento de implantação das sedes brasileiras, Myron Clark foi o secretário geral da ACM do Rio de Janeiro; Alvaro de Almeida, um brasileiro com formação nos Estados Unidos para trabalhar em ACMs, atuou como secretário geral na ACM de São Paulo; um brasileiro³⁸, com formação em Springfield, secretariou os trabalhos na ACM de Porto Alegre; e John Warner foi o secretário geral, enviado pelos Estados Unidos, que administrou a implantação da ACM de Recife. Todas as Associações que se mantiveram vivas contaram com a presença de secretários gerais, com formação específica no exterior, para atuarem

³⁷ Basicamente, a estrutura das ACMs apresentava os cargos de Presidente, Vice-presidente, Tesoureiro, Secretário Arquivista, Secretário Geral, acrescido dos diretores responsáveis pelas diferentes comissões, os quais organizavam as ações das instituições. Dentre os cargos, o de Secretário Geral mostrava-se como estratégico para o bom andamento da instituição, destacando-se como uma função que necessitava de uma formação adequada. Diversas solicitações foram expedidas pelas ACMs brasileiras em busca de secretários internacionais, especialmente pelas sedes de Porto Alegre e Recife, assim como foram feitos investimentos para o envio de brasileiros ao exterior para receberem a formação necessária nos cursos Técnicos oferecidos pela ACM norte-americana, como foi o caso de Alvaro de Almeida (MOCIDADE, nº 259, set. de 1915; MOCIDADE, nº 343, set. de 1922).

³⁸ Não há, nas fontes, indicativos do nome do secretário em questão. Cf. MOCIDADE, nº 343, set. de 1922, p. 19.

no gerenciamento da instituição, indicando a centralidade do cargo na consolidação da missão acmista. Em contrapartida, todas as sedes que iniciaram como organizações provisórias, sem a presença de um secretário geral com formação específica, extinguíram-se com o tempo³⁹ (MOCIDADE, n° 255 e 256, jun. de 1915; n° 343, set. de 1922).

Todavia, nem sempre a formação específica para secretário geral, realizada no exterior, era garantia de sucesso na implantação e consolidação de uma ACM no Brasil. Nos primeiros treze anos da ACM de Porto Alegre, a qual possuía como secretário geral um brasileiro com formação específica no exterior, construiu-se uma imagem dessa Associação como sendo a de um “clube educativo”, que, nesse período, apresentava um número reduzido de sócios (MOCIDADE, n° 343, set. de 1922, p. 19). Foi então que chegou à ACM de Porto Alegre o secretário geral norte-americano I. H. Gallyon, com o objetivo de redirecionar os caminhos da instituição. São Paulo não foi diferente de Porto Alegre. Inicialmente, a instituição paulista contou com a presença de um secretário geral brasileiro com formação específica para o cargo em uma ACM dos Estados Unidos. No entanto, após pouco mais de dois anos, o cargo foi assumido pelo secretário geral norte-americano John H. Warner.

A formação de secretário geral, proporcionada pelas ACMs norte-americanas, contribuía consideravelmente para a permanência das instituições, sendo que as que foram administradas, nos momentos iniciais, por brasileiros com formação no exterior perduraram, apesar de não apresentarem o mesmo desenvolvimento das demais sedes ou de quando os brasileiros eram substituídos por secretários internacionais. Os brasileiros que receberam a formação de secretário geral nos Estados Unidos não conseguiam conduzir a ACM do mesmo modo que os secretários estrangeiros, representando, talvez, uma estratégia de domínio político das *YMCAs*.

Se os secretários gerais foram figuras estratégicas na construção das ACMs no Brasil, a quantidade deles não se deu proporcionalmente às demandas do país. Para se juntar a Clark, dois secretários norte-americanos chegaram ao Brasil entre 1904 e 1907, sendo eles: J. H. Warner e Harry O. Hill. A escassez de secretários exigia que eles circulassem em diferentes sedes no Brasil, como forma de contribuir no fortalecimento das Associações do país. Assim, com a chegada de Hill quando Warner encontrava-se trabalhando na ACM de São Paulo, fez com que Warner fosse realocado para atuar em Recife, devido à necessidade de um secretário na sede dessa cidade. Hill, por sua vez, foi designado para trabalhar na sede paulistana, a qual já se encontrava em estágio avançado de desenvolvimento, em parte, devido à presença mais duradoura de Warner. No entanto, o trânsito de Warner pelas ACMs do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife não possibilitava uma continuidade do seu trabalho, dificultando, em parte, o processo de consolidação das Associações.

³⁹ Ao Secretário Geral cabia “atender a toda a correspondência, tomar nota estatística de todo trabalho, dar direção pessoal aos trabalhos sociais nos intervalos da reunião da diretoria, e apresentar mensalmente à mesma um relatório sobre o movimento da secretaria, com recomendações e comentários”. Cf. ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. Modelo de Estatutos de uma Associação Cristã de Moços. In: *Mocidade*: Revista Mensal das Associações Cristãs de Moços no Brasil. n. 255 e 256, 1915.

Assim, diferentes estratégias foram utilizadas pela missão acmista no Brasil, em direção à consolidação das sedes. Investir no convencimento da comunidade local, envolver com o movimento protestante da cidade, coletar recursos por meio de diferentes fontes, elaborar ações que incentivassem a participação dos sócios, possibilitar a presença de secretários gerais com formação específica para atuarem na implantação das sedes foram formas encontradas pelas ACMs brasileiras durante seus momentos iniciais, no Brasil. Além dessas estratégias, tratadas neste espaço, pode-se ainda salientar a importância da publicação de panfletos e do periódico *Mocidade*, que circulavam dentro e fora das instituições.

Considerações Finais

Pesquisar a implantação e consolidação da Associação Cristã de Moços no Brasil significou percebê-la como parte do movimento expansionista evangélico norte-americano. Somada aos diversos missionários da fé reformada que estiveram no Brasil, na segunda metade do século XIX, a Associação assumiu a função de contribuir na cristianização dos brasileiros, focada, principalmente, na formação de seus associados. Para tanto, com uma estrutura administrativa exclusivamente evangélica, inserida em meio a uma população marcadamente católica e resistente à massificação do protestantismo no país, a ACM utilizou-se de notáveis estratégias. Termos como “ecumênico” e “cristianismo” – definição genérica, sem vincular especificamente à doutrina de alguma religião – foram utilizados pela ACM como forma de evitar maiores resistências.

O conjunto documental pesquisado possibilitou conhecer pouco acerca dos primeiros momentos da criação da ACM no Brasil, em 1893. Exceto a tentativa de criação de uma sede em São Paulo, em meados de 1890, o movimento acmista no Brasil, nos primeiros dez anos, concentrou-se na implantação e consolidação da ACM do Rio de Janeiro. Porém, a partir de 1901, o quadro se altera. Cria-se a ACM de Porto Alegre (1901), a ACM de São Paulo (1903) e uma série de Associações provisórias – nos Estados do Pernambuco e Maranhão – e Associações acadêmicas. Com isso, caracterizei o início do século XX como um momento de tentativas da instituição de se expandir pelo território nacional. Sem muito efeito, o esforço de expansão esbarrou na falta de estrutura financeira e na ausência de estrangeiros com experiência na condução da implantação das novas sedes acmistadas, as quais não se concretizaram. No final da década de 1920, havia, no Brasil, apenas a sede do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e de São Paulo. Então, quais aspectos e condições contextuais estavam presentes em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre e que não foram encontrados em Pernambuco e no Maranhão a ponto de definirem a consolidação ou a extinção de uma sede? Essa é uma questão que não foi possível desvendar completamente com o conjunto de fontes mobilizadas e com o recorte estabelecido para este estudo.

Das três sedes que se consolidaram no Brasil, foi visível a centralidade da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. Apesar de Myron Clark ter participado da implantação das ACMs do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Porto Alegre, sua presença na administração da Associação carioca permitiu perceber que era, a partir dela,

que se irradiavam os saberes e as práticas, muitos deles, produzidos e traduzidos pelo missionário. Ao serem divulgadas, tais orientações passavam a ser caminhos que deveriam orientar os hábitos, os comportamentos e as práticas dos associados. Assim, foi relevante pensar a revista *Mocidade*, sediada na ACM carioca, como um periódico facilitador da circulação dos temas básicos de um projeto formador: o intelectual, o moral e o físico. Isso, estrategicamente, fortalecia ainda mais a sede carioca como lugar central de onde se ditavam os elementos necessários aos propósitos acmistas.

Como forma de garantir a efetividade da base de seu projeto acmista, Clark recorreu à ajuda de diversos missionários norte-americanos – Frank Long, John H. Warner, Harry O. Hill, I. H. Gallyon, H. J. Sims, Salassa, dentre outros –, os quais circularam pelas diferentes sedes no Brasil, contribuindo para a implantação e consolidação do projeto acmista no país. No entanto, a presença desses sujeitos à frente das ACMs *não significou que essas tivessem funcionado exclusivamente segundo os interesses deles. Percebi alterações acontecendo, a todo o tempo, no funcionamento das Associações. Algumas adaptações, reorientações e rejeições eram autorizadas. Porém, eram movimentos relativos, limitados às novas configurações que não colocavam em risco a base religiosa da instituição, especialmente no que tangia à sua estrutura administrativa.*

Referências

- ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. *100 anos da Associação Cristã de Moços de São Paulo (1902-2002)*. São Paulo: Árvore da Terra, 2002.
- BAIA, Anderson da Cunha. *Associações Cristãs de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)*. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- BERCOVITCH, Sacvan. A retórica como autoridade: puritanismo, a bíblia e o mito da América. In: FERNANDES, R. C; DAMATTA, R; et al. *BRASIL & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 141-158.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. 18ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- HENRIQUES, João Paulo. O pioneirismo protestante na gênese de organizações universalistas em Portugal. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano IV, n.º 7/8, p.97-107, 2005.
- HOBSBAWN, E. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 4ªed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- LOUREIRO, Walk. A Associação Cristã de Moços e suas contribuições ao desenvolvimento da Educação Física e dos Esportes no Brasil. In: *X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança*. Curitiba: UFRP, 2006.
- MANSKE, George Saliba. *Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre*. 2006. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2006.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ªed. São Paulo, USP, 2008.

_____. O movimento ecumênico no século XX – algumas observações sobre suas origens e contradições. *Revista Tempo e Presença Digital*, ano3, nº 12, setembro de 2008a.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação Protestante no Brasil: um estudo de caso*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

SEGUI, Ary de Camargo. *A Relação entre a Religião e a Educação Física na ACM de São Paulo*. 1998. 164f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

Acervos e fontes pesquisados

Documentos Diversos

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. *Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro: um esboço de sua história, dos seus objetivos, e dos seus métodos*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1898.

_____. *Signaes de Progresso: Relatório do Trabalho da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro: Anos de 1911-1912*. Rio de Janeiro, 1912a.

_____. *Vale quem tem*. Rio de Janeiro, 1913.

_____. *Pela Defesa Nacional: os primeiros 25 anos de serviço*. Rio de Janeiro, 1918a.

_____. *O Character*. Publicação da ACM do Rio de Janeiro, [19--].

CLARK, Myron. *A Associação Christã de Moços: Base da organização da ACM do Rio de Janeiro – transcrição do discurso de Myron Clark*. São Paulo, 1891.

_____. *Relações fraternas e internacionaes*. In: ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. *Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro: um esboço de sua história, dos seus objetivos, e dos seus métodos*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1898, p. 45-50.

_____. *Em prol da Mocidade: instruções sobre os trabalhos das Associações Cristãs de Moços*. Rio de Janeiro: Casa editora presbiteriana, 1903.

SOUZA, Francisco de. *A regeneração nacional pelo indivíduo*. (Conferências). Igreja Evangélica Fluminense, 1917.

Estatutos

ESTATUTO da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Porto Alegre, 1904.

ESTATUTO da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1914.

ESTATUTOS da Aliança Nacional das Associações Cristãs de Moços no Brasil. Rio de Janeiro: Casa publicadora Metodista, 1903.

MODELO de Estatutos de uma Associação Cristã de Estudantes. Rio de Janeiro, 1901.

MODELO dos Estatutos de uma Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. New York/Rio de Janeiro, 1893.

QUESITOS E RESPOSTAS SOBRE O TRABALHO DA ACM NO BRASIL. In: Arquivo da Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços, s/p, s/d.

Periódicos

O APÓSTOLO, Rio de Janeiro, 1899-1900.

O PURITANO, Rio de Janeiro, 1903.

MOCIDADE, Rio de Janeiro, 1898-1925.

ACM, Rio de Janeiro, 1904.

*Recebido em junho de 2013
Aprovado em setembro de 2013*